Pasolini, o outro e nós

Pasolini, the other and us

Maria Betânia Amoroso [*]
Universidade de Campinas

Resumo

O presente ensaio apoia-se nas reflexões e posicionamentos políticos de Pier Paolo Pasolini a respeito da *infelicidade* dos jovens no início dos anos 70, do aburguesamento do mundo (que destrói dimensões históricas do mundo) e dos lugares-comuns do pensamento *tolerante* daqueles anos. A partir disso, pretende pensar como as constatações de Pasolini tornam-se ainda mais claras no tempo presente. Nesse sentido, apresenta como o pensamento pasoliniano é extremamente contemporâneo, sobretudo no que diz respeito aos discursos esvaziados de militantes que, em nome de certa tolerância, por vezes são demasiado intolerantes.

Palavras-chave: Pasolini; infelicidade; jovens; tolerância; intolerância.

Abstract

The present essay leans on the reflections and political positions of Pier Paolo Pasolini regarding the *infelicity* of young people in the beginnings of the seventies, of the bourgeoisification of the world (which destroys its historical dimensions) and of the commonplaces of the *tolerant* thought of those years. From that, it pretends to think how Pasolini's findings become still clearer in the present time. In this sense, it shows how Pasolini's thought are extremely contemporary, especially in what regards the empty discourses of militants, which, in the name of certain tolerance, sometimes are too intolerant.

Keywords: Pasolini; infelicity; young people; tolerance; intolerance.

● **Enviado em: 01/12/2015**
● **Aprovado em: 08/12/2015**

[*] Professora do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade de Campinas (UNICAMP).

> A expressão da burrice, essa cacofonia sem esforços, está enfim liberada para todos. Reproduzida e amplificada, ela opera num ritmo veloz de virulência, que desautoriza o tempo reflexivo e reduz as chances de sermos inteligentes juntos. Ela intoxica o diálogo, elimina sutilezas e contradições em nome de uma pasteurização grosseira, sustentada pelo oportunismo retórico de clichês, frases de efeito, sofismas e imposturas. É a naturalidade do senso comum contra o esforço do pensamento crítico. O encontro com o editor de direita não revela apenas que retrocedemos no nível das ideias (afinal de contas, trata-se de um editor), mas que agora, se quisermos continuar conversando, teremos que retroceder ainda mais, para explicar tudo de novo, uns aos outros, do zero.
>
> Bernardo Carvalho

Há menos de dois dias da leitura do artigo de Bernardo Carvalho[1] aqui transformado em epígrafe, havia lido uma frase, referência direta à "cultura da reclamação", que me parecera a síntese do que eu gostaria de *anotar* aqui: "(...) a intolerância que hipocritamente se pratica em suposta defesa da tolerância"[2].

Talvez pelo fato de ler Pasolini junto às décadas que passam e talvez por outro fato, implícito nesse movimento temporal de quase quarenta anos, o do mundo ter se mostrado na sua ferocidade apenas retoricamente amplificada pelo poeta e crítico italiano, o momento em que vivemos me leva a procurar encontrar passagens pasolinianas que, de algum modo, me parecem falar da nossa crise, o estado atual de revolta em nome da tolerância (todas as últimas palavras deveriam estar entre aspas!).

Começo citando um trecho de uma entrevista de Pasolini de 19 de julho de 1960. Falavam, ele e o entrevistador, o jornalista Giorgio Boca, sobre contestação, raiva, raivosos e revolucionários. Dizia Pasolini:

> A contestação do raivoso é interna ao sistema, pela modificação do sistema mas para que sobreviva; o revolucionário, ao contrário, nega-o no plano real e contrapõe a este uma perspectiva utopística. (...) Frequentemente o revolucionário, depois de destruir a sociedade constituída, excede na reconstrução, quer que a nova sociedade tenha todos os atributos, restitui o moralismo e o bom-mocismo burguês, de modo que, muitas vezes, o raivoso incide mais profundamente que o revolucionário. Mas uma coisa é certa: o raivoso quase sempre não é revolucionário, enquanto o revolucionário é sempre um raivoso. [3]

Quando dá essa entrevista, Pasolini está se recuperando de uma gastrite que o tira de circulação, obrigando-o a passar um mês inteiro de cama. Para a sua "desesperada vitalidade"

---

1 CARVALHO, Bernardo. Encontro com um editor de direita. Documento digital disponível em: http://www.blogdoims.com.br/ims/encontro-com-um-editor-de-direita14.10.2015 (Consultado em 30.10.2015.

2 A frase é de Júlio Pimentel Pinto, retirada da sua página do *facebook* em 30.10.2015.

3 PASOLINI, Pier Paolo. *Intervista a Giorgio Bocca* In «Il Giorno», 19 luglio 1966.

não deve ter sido uma boa experiência. Comenta com o jornalista que pela primeira vez vislumbrava a velhice, sentia no corpo os primeiros sinais de fragilidade embora não tivesse – digo eu – ainda 40 anos e, é de se lembrar, irá morrer com 53, em 1975.

Parto desse momento lateral na sua vastíssima produção por estar interessada em um dos temas mais constantes em Pasolini, o da relação entre pais e filhos: quem é o jovem para Pasolini, quem são os pais, como as gerações se comunicam? De início já é bom esclarecer: o jovem como tudo mais em Pasolini não é sempre *o mesmo* e nem é *um*: é amado e celebrado nos primeiros poemas, líricos e edílicos, dos anos 40 e angustiadamente tratados no seu filme-testamento *Salò*. Há um sentimento de amor que caminha em direção ao desamor, dirá o próprio poeta. Foi com essa compreensão, aliás, que Michel Lahud escolheu como título para a primeira antologia brasileira de ensaios pasolinianos "Os jovens infelizes"[4].

Os 'jovens' de Pasolini não foram sempre infelizes mas a partir de certo momento, por volta dos anos 60, o do nascimento irrefreável da sociedade de consumo que via surgir, se transformam em "infelizes" ou até "monstros" (a "monstruosidade" dos jovens assume os traços mais urgentes na última entrevista dada por Pasolini, um pouco antes da sua morte, publicada com o título "Estamos todos em perigo"[5]).

O surgimento da "infelicidade" dos jovens modernos que se contrapõe à "felicidade" dos meninos que viveram ainda a experiência do mundo ancestral e sagrado é exposta não só como tragédia por Pasolini mas como seu próprio destino: a "tristeza" passa a ser seu "sentimento do mundo".

Um dos momentos significativos dessa crônica que nos conta sobre a relação de Pasolini com os filhos e com os pais está no episódio, muito explorado, ao redor da poesia *O PCI aos jovens!*, escrita e publicada em maio de 1968. Recebido como um escândalo pela esquerda e pelos jovens universitários que haviam ocupado a Universidade de Roma, alguns dos versos do poema ganharam autonomia e marcaram Pasolini, na época, como reacionário, um velho pai que não compreendia as razões da revolução dos jovens. São estes os versos:

> (...) Vocês tem cara de filhinhos de papai.
> Eu os odeio como odeio seus pais,
> Quem sai aos seus não degenera.
> Têm o mesmo olho ruim.
> São medrosos, inseguros, desesperados
> (ótimo!) mas também sabem ser
> prepotentes, chantagistas e firmes:

[4] PASOLINI, Pier Paolo. *Os jovens infelizes. Antologia de ensaios corsários.* Org. Michel Lahud. Trad. M. Betânia Amoroso e Michel Lahud, 1ª. Edição. São Paulo, Brasiliense, 1979.

[5] *Idem*. pp. 237-245.

prerrogativas pequeno-burguesas, meus caros.
Quando ontem se atracaram em Valle Giulia
com os policiais,
eu estava com os policiais!
Porque os policiais são filhos de pobres.
Vêm das periferias, rurais ou urbanas que sejam.(...)[6]

São as "prerrogativas pequeno-burguesas" o ponto importante. Os filhos, os jovens revolucionários de 68, estão parecidos demais com seus pais, tanto na ânsia pelo poder quanto pela "outra prerrogativa pequeno-burguesa", os furiosos discursos sobre os "tabus que precisam ser 'quebrados a qualquer custo'"[7]. Ansiedade, pressa, protagonismo, autocomplacência: como se os desejos dos pais surgissem *em aceleração* nos filhos e na mesma direção.

Crucial nessas posições críticas pasolinianas é a definição do que seria a *burguesia*. Mais do que classe social, Pasolini diz ser a burguesia uma doença epidêmica. As raízes dessa vertiginosa doença nos filhos, herdada dos pais, se faz presente na entrevista que concedera, com tenaz paciência, em 1967, ao jornalista Manlio Cancogni, na qual com a feroz crítica à racionalidade burguesa – contraposta à religiosidade pré-burguesa – o poeta sintetiza a raiz do mal em duas variações: por um lado, manifesta-se como "contestação, escândalo, violência contra a ordem, os códigos, a sociedade, a moral corrente, de Rimbaud a Ginsberg (...), por outro, é autopunição, e é o caso de Hitler".[8]

A famosa *mutação antropológica* que transformara os italianos em homens modernos significara para Pasolini a redução da vida a uma única identidade, a do homem pragmático que substituía, sem remédio, "o homem religioso [que] não tem sentido prático, é desinteressado, a modo seu um místico que supera com a intuição, com a fantasia, com a totalidade do seu poder cognitivo, a simples razão".[9] A racionalidade se naturalizou como *qualidade* de um jovem moderno, escapando-lhe por completo o sentido e direção das transformações exigidas para que isso ocorresse. Em outro momento, dirá: ganhou-se pouco e perdeu-se muito nessa transformação.

---

6 PASOLINI, Pier Paolo. *Poemas*. Org.: Alfonso Berardinelli e Maurício Santana Dias. Trad. e notas Maurício S. Dias. Posf. M. Betânia Amoroso.1ª. Edição. São Paulo, Cosacnaify, 2015, p. 235.

7 "Discurso sobre os tabus que precisam ser 'quebrados a qualquer custo' " é o título do texto de intervenção de Pasolini, publicado originalmente no *Tempo Illustrato* em 26/4/1974; posteriormente foi incluído na seção "documentos e anexos" do livro *Scritti corsari* (1975) com o título de "M. Daniel – A. Baudry: 'Gli omossessuali'". Não é absolutamente casual a organização do livro: o texto figura como documento para se pensar as questões das "minorias". A tradução do texto foi publicada em PASOLINI, Pier Paolo. *Os jovens infelizes...* pp. 161-169.

8 A entrevista foi originalmente publicada em *La Fiera letteraria*, a. XLII, n. 50, 14 dicembre 1967. (disponível em: http://www.vincenzomaddaloni.it/2015/09/ppp-piu-moderno-di-ogni-moderno/ Consultada em 15/09/2015)

9 *Idem. Ibidem.*

Há na compreensão de Pasolini – e na minha a respeito da dele – uma insuspeita convicção de que a ação política dos jovens progressistas italianos, encarnada nas lutas estudantis de 68, são carregadas de vários sinais, muitos altamente bem-vindos e vitais, mas carregam também uma falsa tolerância que é, na verdade, "intolerância praticada em suposta defesa da tolerância"[10].

> O mundo intelectual "progressista", tendo enterrado 68 com alívio, dele conservou algumas características (...). Uma delas é a urgência intimidativa, a ansiedade neurótica do imediatismo das reformas. (...) O verbalismo e o terrorismo através dos quais tal urgência hoje normalmente se exprime (...) nascem diretamente das tendências culturais da pequena burguesia italiana, eternamente obcecada e instigada pela própria "consciência infeliz". "Consciência infeliz" que a torna frenética, pronta a tudo – massa flutuante sujeita ao primeiro que aparecer pregando a preeminência da ação sobre o pensamento (por sua vez improvisado num plano por definição subcultural) (...). [11]

*

Walter Siti, crítico e escritor italiano reconhecido e premiado por seus romances, é também o responsável pela organização da obra completa de Pasolini, a partir do final da década de 90. Mas neste momento Siti é ainda um jovem, que envia a Pasolini, em 1970, seu trabalho de final de curso, sobre a obra de Pasolini.[12] Após lê-lo, Pasolini escreve-lhe uma carta.

No início da carta o poeta diz o seguinte:

> Caro Walter,
> como professor te dou nota dez (o que provavelmente ocorrerá); como objeto do teu estudo, eis o que tenho a dizer:
> O primeiro e o último capítulo foram os primeiros a serem escritos e são de longe a melhor parte; para você ter uma ideia, seriam sem dúvida publicáveis nas revistas mais qualificadas. Quanto a mim, foram úteis e me fizeram entender um assunto que hoje me interessa menos, mas foi útil. Não se poderia ter feito melhor.
> A parte central foi escrita numa segunda fase; não sei o que possa ter acontecido no meio do caminho (...). Lendo essa parte passei realmente mal: trancafiado naquele triangulozinho regressão-agressividade-narcisismo me senti acabado e de fato você não me deu mais nenhuma chance. Não nego a relativa eficiência do triangulozinho mas é absurdo que toda a minha obra seja recortada em função dele, se esquecendo dos resultados "não expressos" (...). Existe uma infinita vastidão de "objetos" nas minhas obras que não são nem boas nem ruins, mas que são "representados" e como tais não julgáveis moralisticamente. Digo isso porque todas as expressões que são puramente

10 Retirei essa frase da página do *facebook* de Júlio Pimentel Pinto, no dia 30 de outubro de 2015.
11 PASOLINI, Pier Paolo. *Os jovens infelizes...* pp. 156-7.
12 A monografia de Siti teve como título "A obra de Pasolini", e foi apresentada na Universidade de Florença em novembro de 1970.

> enunciativas na psicanálise – científicas – você as tingiu com uma cor positiva ou negativa. Usou "regressão" como um pregador usaria. [13]

Um pouco adiante, o trecho que mais me interessa:

> Ao me repreender pelo uso que faço de noções como "povo", "subproletariado", "história", "razão", parece que você está se dirigindo a um círculo que se entende entre si instantaneamente, sem ter que perder tempo em falar.[14]

Ao que parece, Pasolini identifica no trabalho universitário do jovem Siti algo muito próximo às "prerrogativas pequeno-burguesas": ansiedade, pressa, protagonismo, autocomplacência que se resumem no desejo de classificá-lo, imobilizando-o como uma borboleta morta e alfinetada num mostruário. À exacerbação da racionalidade burguesa corresponderia, neste caso, a fúria moralista que transforma a busca de conhecimento em julgamento. Esses são alguns dos elementos que comporiam o anticonformismo que é novo conformismo o qual, por sua vez, não é só geracional, tão sutil quanto ferrenho, que faz com que considerem as verdades de grupo, de classe social, como verdades universais. Conformismo de classe social. Essa espécie de acusação poética de Pasolini contra os jovens está lá nos versos do poema de 68.

O motivo dessa acusação vem explicitado já no final do poema, com a nota *Apologia*. Escreve Pasolini:

> A burguesia está triunfando, está, por um lado, tornando burgueses os operários, por outro, os camponeses. Em poucas palavras, através do neo-capitalismo, a burguesia está se tornando a condição humana. Quem nasceu nessa entropia, não pode de modo algum, metafisicamente, estar fora dela. Por isso provoco os jovens: eles são presumivelmente a última geração que terá visto operários e camponeses. A próxima geração não terá ao seu redor nada além da entropia burguesa.[15]

A infelicidade está em descobrir que não se sabe infeliz, ou dito de outro modo, para quem vive uma única dimensão da história, a da história burguesa, as outras histórias não existem. E daqui advém, eu diria, todo tipo de racismo. Ontem como hoje. Há ainda outra forte dimensão de Pasolini em jogo e assim voltamos a Walter Siti.

---

13 PASOLINI, Pier Paolo. *Lettere* 1955-1975. A cura di Nico Naldini. 1ª. Edizione.Torino, Einaudi, 1988, p. 674.

14 *Idem, ibidem.*

15 A tradução do título completo do poema é *O PCI aos jovens! (Notas em verso para uma poesia em prosa seguidas por uma 'Apologia")* e foi publicado em PASOLINI, Pier Paolo. *Empirismo Eretico*. Milano, Garzanti, 1972. (Tradução da autora do ensaio.)

O mesmo Walter Siti já citado, não mais jovem, transformado agora num dos maiores estudiosos de Pasolini na atualidade, dirá que a sexualidade no escritor, homossexual como ele próprio, Siti, "oscila entre os dois polos extremos, de eros, o amor sexual propriamente dito, e do ágape, do amor sublimado na amizade e posto a serviço de uma dimensão pedagógica pública".[16]

Libertino e pedagogo[17], incluindo a própria sexualidade na plataforma política de sua vida e de suas intervenções, nada escreve porém que possa ser assumido como um discurso favorável ao discurso das ou pelas "minorias". E como isso foi possível justamente a alguém como ele que foi perseguido até à morte, estigmatizado como homossexual?

Há, sem dúvida, em Pasolini a desconfiança profunda quanto a definição identitária quando construída discursivamente pela repetição *ad nauseam* do lugar comum, pelo barateamento do pensar. Em uma pequena passagem, pelo menos, e em dois artigos, em particular, sem deixar de acusar o preconceito e violência da sociedade italiana contra os homossexuais e contra as mulheres, desmonta assertivas que compõem o discurso militante italiano dos anos 70, constituindo um dos momentos altos do seu pedagogismo libertário.[18]

Da resenha que faz ao livro dos franceses M. Daniel e A. Baudry, *Os homossexuais,* destaco um primeiro trecho:

> Daniel e Baudry tentam inserir – acreditando sinceramente na justeza da ideia e na eficácia dos seus efeitos – o problema do homossexualismo no contexto da tolerância nascente (já afirmada existencialmente , na prática, embora as leis estejam, como sempre, atrasadas): tolerância que diz respeito às relações heterossexuais (anticoncepcionais, aborto, relações extraconjuagis, divórcio – no que concerne a Itália –, relação sexual entre adolescentes). E depois ligam tudo isso ao problema (político) das minorias.

Na sequência, introduz o tema da "falsa tolerância".

> Eu não acredito que a atual forma de tolerância seja real. Ela foi decidida "de cima": é a tolerância do poder consumista, que necessita de uma absoluta elasticidade formal nas "existências" para que os indivíduos se tornem bons consumidores. (...)[19]

16 BAZZOCCHI, Marco Antonio. *Pier Paolo Pasolini*. 1ª. Edizione. Milano, Bruno Mondadori, 1998, p. 138.

17 "(...) A libertinagem não exclui de fato a vocação pedagógica. Sócrates *era* libertino: de Lísis a Fedro, foram inúmeros os seus amores por jovens rapazes. Aliás, quem ama rapazes não pode deixar de amar *todos* os rapazes (é esta, justamente, a razão de sua vocação pedagógica)". PASOLINI, Pier Paolo. *Os jovens...* p. 165.

18 Os artigos são "Donne mie" e "Discurso sobre os tabus que precisam ser 'quebrados a qualquer custo'" publicados originalmente em PASOLINI, Pier Paolo. *Descrizioni di descrizioni*. 1ª. Edizione,Torino, Einaudi, 1979, pp. 327-332, e, traduzidos em PASOLINI, Pier Paolo. *Os jovens infelizes*... pp. 161-169.

19 *Idem. Ibidem.*

A compreensão dessa tese pressupõe a natureza violenta da modernização italiana, nomeada pelo poeta, como sabemos, neo-fascismo efetivo (em oposição ao fascismo histórico) que, sem mediação, impôs à Itália a brutal eliminação daquele mundo antigo, ancestral presente na sociedade até os anos 60.

Resenhando o livro de Dacia Maraini, *Donne mie* [Minhas mulheres] critica na autora

> (...) a decisão de colocar o próprio livro à disposição e em função de alguma outra coisa (não literária, isto é, política e portanto de maior importância); a consequente impaciência pelo particular esforço exigido por uma obra literária de longe "superada" pela sua função; a proeminência acachapante do "credo", da "fé" e do consequente "lealismo", sobre problemas estilísticos; introdução do manerismo como opção capaz de suprir a solução de tais problemas.[20]

Além desses traços, encontra indicações de outra ordem:

> (...) Desilusão quanto à expectativa do leitor, no sentido que no lugar de uma ideologia estritamente pessoal, [a autora] se refere a uma rede de noções e parêneses ideológicas, já muito conhecidas, codificadas, pertencentes a movimentos de pensamento aos quais a autora sacrifica a própria personalização do mundo, a própria subjetividade, anulando-se asceticamente.[21]

*

Por ocasião dos 20 anos do assassinato de Pasolini, escrevi para a *Folha de S. Paulo* um artigo que intitulei "A herança de Pasolini"[22]; hoje, passados 40 anos, me propus a escrever algumas notas e, desta vez, o título é "Pasolini, o outro e nós". Tudo dialoga com tudo na perspectiva de fundo que é a de Pasolini e segundo a qual a racionalidade burguesa, contaminante por natureza, em nome da ordem e da produção, descrê, reprimindo e matando se preciso, que qualquer operação humana se dá sempre na fronteira que separa racionalidade e loucura. As citações que abrem este texto, as passagens pasolinianas escolhidas, o artigo de 20 anos atrás e este, atual, falam de um processo 'incivilizatório' (aspas, muitas aspas!) e da necessidade de recomeçar pedagogicamente do zero como escreve Carvalho. Estamos todos dominados! O que encontro, mais uma vez, como há 20 anos, é o alerta duplo tanto para os riscos do pensar por *slogans*, mesmo que sofisticadamente elaborados a partir de grandes filósofos da contemporaneidade – se diminuírem a potência do

20 PASOLINI, Pier Paolo. *Descrizioni di descrizioni...* p. 326.
21 *Idem. Ibidem.* p. 358.
22 Republicado em AMOROSO, Maria Betânia. *Pier Paolo Pasolini*. 1ª Edição. São Paulo, Cosac/ Mostra, 2003, pp.109-118.

próprio exercício de viver a realidade, abrindo mão da expressividade – como também para a preferência pelos gestos da tribo, das palavras que quase podem desaparecer, cada vez mais abreviadas e mesmo desnecessárias. O que importaria, nesse caso, é a comunicação imediata, de *militância*, garantida pela existência do grupo. A pressa, a ânsia em se comunicar traz consigo e denuncia uma concepção de tempo que é a mesma do tempo da produtividade, do mercado e da mercadoria. É essa a crítica à tese universitária de Siti; falar para interlocutores que são um só, e portanto capazes de se entender pelo uso de uma espécie de código cifrado. Essa é, para Pasolini, uma das provas da submissão, consciente ou não, não importa, dos jovens italianos aos padrões e a moral que os ventos do neo-capitalismo trouxeram para Itália, transformando-a definitivamente. Pensar por slogans é assimilar o discurso pragmático e propagandístico mais elementar, o de se ver a si próprio como mercadoria que precisa ser vendida. Essa é a nova condição, parte integrante daquele mesmo processo de aburguesamento geral; o 'estar de fora dela', dessa condição, é inimaginável a não ser metafisicamente, diz na nota apologética ao poema.

Finalizo citando, com estupor por esta espécie antevisão de Pasolini e certo horror pelos nossos tempos, um outro trecho da mesma resenha ao livro dos autores franceses.

> Com isto quero dizer que Daniel e Baudry se enganam ao esperar que a tolerância inclua também a homossexualidade entre seus objetivos. Isso ocorreria caso se tratasse de uma tolerância real, conquistada pelas bases. Trata-se entretanto de uma falsa tolerância, que certamente prenuncia um período de intolerância e de racismo ainda piores (embora talvez menos horripilantes) que nos tempos de Hitler. Por quê? Porque a tolerância *real* (falsamente assimilada e proposta pelo próprio poder) é privilégio social das elites cultas; ao passo que a massa "popular" goza hoje de um terrível espectro de tolerância que a torna, na verdade, de uma intolerância, de um fanatismo quase neurótico (antigamente característico da pequena burguesia).[23]

[23] PASOLINI, Pier Paolo. *Os jovens infelizes...* p. 166.